

## **ANITA MALFATTI: O INÍCIO DE UMA RUPTURA DAS MAIS RADICAIS NA PINTURA BRASILEIRA DO SÉCULO XX**

Roney Jesus Ribeiro  
Centro de Ensino Superior de Vitória - CESV  
*roney-ribeiro@hotmail.com*

Resumo: Falar de Anita Malfatti não é uma tarefa tão fácil como muitas vezes pode parecer, mesmo sendo uma árdua empreitada, tal tarefa enobrece todo e qualquer pesquisador. Para tanto se traçará um estudo que segue desde um breve histórico da vida, obra da artista até a temática central que é discuti Anita como uma ruptura das mais bruscas nas artes plásticas no cenário brasileiro no século XX. Nesse trabalho objetiva-se falar dentre muitos assuntos, pontuar as críticas que a artista modernista recebeu ao propor para uma sociedade acadêmica uma nova forma de expressar as artes plásticas.

Palavras Chaves: Anita Malfatti. Ruptura. Pintura Brasileira. Modernismo.

## Introdução

A pintura é uma arte, a arte da plasticidade. Isso quer dizer que lidamos aqui com um produto de grande imaginação criadora, cujo meio específico é a plasticidade, e cuja uma das finalidades específicas é despertar no apreciador (ou observador) ou o próprio leitor, o prazer estético. De maneira geral, as artes são as formas por meio das quais o homem encontra caminhos para expressar sua visão de mundo em geral e espaço.

No início do século XX, o mundo enfrentou uma crise que desencadeou duas grandes guerras e transformou bruta e violentamente a vida política e econômica das sociedades brasileiras. Foi dentro desse panorama histórico que surgiu o Modernismo, que representa uma grande efervescência artística, ou melhor, um amplo movimento cultural e estético que criou condições para o surgimento de modificações chocantes no mundo imaginário artístico, resultando em um forte caráter subversivo capaz de demolir a estética tradicional.

O modernismo foi o movimento artístico que mais se destacou dentre os demais da história das artes e o que mais abriu espaço para as diversos segmentos de arte, entre estas modalidades, estiveram em evidência a literatura, a música, a escultura, a dança e a pintura que foi a forma de expressão artística que mais despertou interesse e conseguiu a atenção dos apreciadores do momento.

Em certo sentido, a pintura brasileira pode ser vista como o resultado de uma luta inconstante entre uma tradição estrangeira e a procura de uma nova tradição que tentava retratar a nossa nacionalidade. Sendo assim, Anita Malfatti criava uma nova forma de olhar a realidade, defendendo o dinamismo, o nacionalismo e o rompimento com a estética formal.

É por isso que falar de Anita Malfatti e sua trajetória no mundo artístico, não é uma tarefa fácil, por se saber que a mesma foi uma artista que revolucionou a arte moderna no século XX. Para falar melhor acerca da artista será necessário

basear-se em alguns teóricos e acontecimentos para ilustrar melhor e com coerência os comentários tecidos nesta pesquisa. Assevera-se ainda que para entender da ruptura que Anita Malfatti propõe a pintura brasileira, desenvolver-se-á neste trabalho uma pesquisa que visa esclarecer as mudanças ocorridas na estética da pintura brasileira antes e após o evento da Semana de Arte Moderna.

Este estudo investigativo se justifica pela necessidade de compreensão da ruptura na pintura, realizando um estudo em torno de “Anita Malfatti: o início de uma ruptura das mais radicais na pintura brasileira”, visando investigar em sentido analítico os ideias revolucionários originados no período modernista que vingaram e se desenvolveram nas décadas seguintes. Objetiva-se ainda explicar a importância dessa célebre artista para a pintura brasileira e a relação mesma com a Semana de Arte Moderna.

Esta pesquisa é de caráter bibliográfica, e seu texto é destinado a todos os leitores e apreciadores da arte brasileira no sentido de tornar mais acessível à compreensão da revolução que a artista causou a pintura brasileira e não foi bem compreendida na época.

### **Anita Malfatti: vida, obras e um breve contexto histórico**

Anita Malfatti nasceu em São Paulo, em 02 de dezembro de 1889, filha de imigrantes. O pai, Samuel, italiano naturalizado brasileiro, era engenheiro e trabalhou em estradas de ferro e na construção civil. A mãe, Eleonora Elizabeth, era norte-americana, que além de poliglota, pintava e desenhava muito bem. Exerceria enorme influência na formação da filha. Anita foi a primeira artista brasileira a aderir ao modernismo tendo sido uma das expositoras da mostra, realizada no Teatro Municipal de São Paulo que fazia parte da Semana de Arte Moderna de 1922.

Segunda filha do casal, nasceu com atrofia no braço direito. Aos três anos de idade foi levada pelos pais a Lucca, na Itália na esperança de corrigir o defeito

congénito. Os resultados do tratamento médico não foram animadores e Anita teve que carregar essa deficiência pelo resto da vida. Voltando ao Brasil, teve a sua disposição, Miss Browne, uma governanta alemã, que a ajudou no desenvolvimento da mão esquerda, e no aprendizado das arte pláticas e literária.

Seus pais jamais imaginariam que a filha um dia iria se tornaria uma das principais pintoras brasileiras. Seu problema congênito não a impediu de ser uma ilustre artista. Mesmo com todas as dificuldade advindas de seu problema, aprendeu a escrever, desenhar e pintar só com a mão esquerda. No ano de 1897 iniciou seus estudos no Colégio São José de Freiras Católicas, situado na rua da Glória. Foi alfabetizada e posteriormente passa a estudar na Escola Americana e em seguida no *Mackenzie College* onde, em 1906 recebe o diploma de normalista. Motivada pela família foi, em 1910, para a Alemanha, onde frequentou, por três anos, a Academia Real de Berlim e nesta instituição estudou gravura, desenho e pintura, além de conhecer os principais mestres do expressionismo alemão. Durante seu período na Europa Anita Malfatti escreveu relatos sobre seus sentimentos e sensações, quando esteve em contato com as produções artísticas europeias.

Segundo Batista, Lopez e Lima em Brasil: 1º tempo modernista 1917/25: documentação (1972, p. 41) a artista Anita Malfatti diz:

Quando cheguei à Europa, vi pela primeira vez a pintura. Quando visitei os museus fiquei tonta. Comecei a querer descobrir que os grandes santos das escolas italianas eram diferentes dos santinhos dos colégios. Tanto me encantavam uns quanto os outros. Fiquei infeliz porque a emoção não era de deslumbramento, mas de perturbação e de infinito cansaço diante do desconhecido. Assim passei semanas voltando diariamente ao Museu de Dresde. Em Berlim continuei a busca e comecei a desenhar. Desenhei seis meses dia e noite. Um belo dia fui com uma colega ver uma grande exposição de pintura moderna. Eram quadros grandes. Havia emprego de quilos de tinta e de todas as cores. Um jogo formidável. Uma confusão, um arrebatamento, cada acidente de forma pintado com todas as cores.

Os estudiosos mencionados anteriormente continuam por meio de seus discursos ilustrando a fala e perspectivas da artista Anita Malfatti.

O artista não havia tomado tempo para misturar as cores, o que para mim foi uma revelação e minha primeira descoberta. Pensei, o artista está certo. A luz do sol é composta de três cores primárias e quatro derivadas. Os objetos se acusam só quando saem da sombra, isto é, quando envolvidos na luz. Tudo é resultado da luz que os acusa, participando de todas as cores. Comecei a ver tudo acusado por todas as cores. Nada nesse mundo é incolor ou sem luz. Procurei o homem de todas as cores, Lovis Corinth, e dentro de uma semana comecei a trabalhar na aula desse professor. Comprei incontinentemente uma porção de tintas, e a festa começou. Continuava a ter medo da grande pintura como se tem medo de um cálculo integral". (BATISTA, LOPEZ e LIMA, p. 41).

Em 1914, realizou sua primeira exposição individual, nas *Mappin Stores*, em São Paulo. Ficou nos EUA cerca de um ano, onde estudou com Homer Boss no *Independent School of Art* (Escola Independente de Arte), berço dos primeiros trabalhos cubistas da América. Voltou novamente ao Brasil, em 1916. A "Anita" que surge destas viagens e contatos com as artes dos países que visitou é a que abrirá o caminho para o modernismo brasileiro. Essa foi a exposição onde Mário de Andrade gargalhava, "Primeira Exposição de Arte Moderna no Brasil, 1917-1918", aberta em dezembro de 1917, é o começo do movimento, que eclode na Semana de Arte Moderna de 1922. As risadas do escritor, no entanto, se transformariam em admiração, amizade e uma intensa troca de correspondências entre os dois. Anos depois, o escritor acabaria adquirindo a tela "O Homem Amarelo". Mas a mudança de opinião do escritor paulista não seria acompanhada por outro grande nome da crítica e literatura brasileiras: Monteiro Lobato.

Foi a seguir para *Nova York* estudar na *Independent School of Art*, experiência marcante em sua obra. Teve contato com artistas e intelectuais. Anita iniciou uma obra de tendência claramente expressionista, longe dos padrões acadêmicos vigentes até então no Brasil. Sua exposição em 1917, em São Paulo, recebeu crítica ferrenha por parte de Monteiro Lobato. Mesmo crítica Anita é considerada precursora do modernismo nas artes plásticas brasileiras. As obras *A Boba* e *Torso* fazem parte dos trabalhos expostos em 1917, considerados o clímax de sua produção. Foi o período mais marcante de sua

criação, no qual pintou O homem amarelo, Mulher de cabelos verdes, O japonês, e vários outros quadros.

De características cubista e expressionista, no quadro a figura humana é o personagem principal, torna-se secundário perante a explosão de cores, pinceladas firmes, o principal acontecimento deste quadro e a operação cromática, bem diferente do naturismo que predominava no Brasil. “O homem amarelo”, que tanto encantou Mário de Andrade, o modelo é um pobre imigrante da Itália que segundo a pintora, ao entrar para posar, tinha “uma expressão tão desesperada!” No quadro, é outro que surge: um “homem de cor” a serviço da pintura e glorificado por ela. O homem do quadro não é propriamente um homem, ou sua caricatura, mas ato potencializado em cor sob máscara humana, levemente sóbria, quase indiferente a si mesma, e uma das figuras mais expressivas de Anita Malfatti.

Em 1916, com 27 anos, a pintora estava de volta ao Brasil, adulta e madura, sentindo-se suficientemente segura para expor sua nova concepção de arte, voltada para o Expressionismo. Após sua chegada ao Brasil recebe incentivo tanto de seus familiares quanto de seus amigos para mostrar seus trabalhos em uma exposição. A Exposição de Pintura Moderna - Anita Malfatti, realizada em São Paulo, entre 12 de dezembro de 1917 e 11 de janeiro de 1918, é considerada um marco na história da arte moderna no Brasil e o "estopim" da tão falada Semana de Arte Moderna que ocorreu em 1922 no Teatro Municipal de São Paulo, nos termos do historiador Mário da Silva Brito. Em salão cedido pelo Conde de Lara, na Rua Libero Badaró, n. 111, a célebre Anita expõe seus quadro que somam 53 trabalhos, dentre eles figuras, paisagens, gravuras, caricaturas e desenhos. Além das obras da artista, são apresentados trabalhos de nomes internacionais ligados às vanguardas históricas. Desse modo, como indica o historiador Tadeu Chiarelli, a exposição deve ser entendida como uma "coletiva de arte moderna protagonizada por Anita Malfatti, e não uma individual da pintora".

A artista que naquele momento proporia ao Brasil uma nova forma de expressar a arte, mas ela não foi bem compreendida pelo público e críticos de diversos jornais, incluindo Monteiro Lobato que bombardearam-na com inúmeras críticas. Com as maldosas críticas feitas por amadores e críticos durante a exposição da pintora que ocorreu por volta de 1917, Anita caiu em forte depressão, vivendo um período de desorientação, um sentimento que carregou para o resto da vida. Sua primeira reação foi o abandono total à arte.

Depois, passado um ano, dando uma guinada de 180 graus, foi tomar aulas de natureza-morta com o mestre Pedro Alexandrino Borges (1856-1942), onde conheceu Tarsila do Amaral, início de uma longa e proveitosa amizade. Logo após terem se tornado amigas, Tarsila foi para a Europa. E certo tempo depois Anita passou a estudar com outro mestre conservador, Jorge Fischer Elpons (1865-1939), também especialista em naturezas-mortas. Após ter estudado com mestres bem criativos e que lhe ajudou a definir melhor alguns traços sua arte, virou uma salada russa.

Em 1923, Anita conquista finalmente a bolsa do Pensionato Artístico do Estado, patrocinada pelo do governo de São Paulo - que não havia conseguido com a exposição de 1914 - e segue para Paris, onde permanece por cinco anos. Lá se encontrou com Tarsila, Oswald, Brecheret e Di Cavalcanti, além de pintores europeus. Em sua estada, ela toma distância de posições polêmicas da vanguarda. Pinta cenas de interiores como Interior de Mônaco e *La Rentrée*, e se aproxima do fauvismo e da simplicidade da pintura primitiva. A artista não nega o modernismo, mas evita o que ele tem de ruptura. Ao voltar para o Brasil, em 1928, interessa-se por temas regionalistas e se volta às formas tradicionais, como a pintura renascentista e a arte *naïf*. Voltou mais confiante, mas disposta a não se atirar a novas aventuras.

Ao retornar, em 1928, organizou várias mostras de arte e deu aulas de pintura. Em 1937 integrou-se à Família Artística Paulista. Foi diretora do Sindicato de Artistas Plásticos. Depois da Segunda Guerra, seu trabalho tornou-se mais

espontâneo do que intelectual, com uma carga maior de fantasia. Depois de ir à Alemanha, Anita Malfatti fez, uma segunda viagem à Europa, proporcionada por uma bolsa de estudos, mas desta vez, fixou residência em Paris. Por não querer ser a integrante mais velha do grupo modernista, falsificou seu documento de identidade e mentiu sobre seu verdadeiro ano de nascimento. Sempre falava que havia nascido em 1896. O ano verdadeiro, entretanto, era 1889 e quando Anita morreu, no dia 6 de novembro de 1964, estava prestes a completar 75 anos. Mudou-se para uma chácara em Diadema - SP, onde faleceu alienada do mundo, cuidando do jardim e vivendo seus próprios devaneios.

### **Anita Malfatti e a ruptura das mais radicais na pintura brasileira do século XX**

O termo “Moderno” transmite uma ideia de algo novo, que inclui também fatores de mensagem: motivos, temas, mitos modernos. “O modernismo nasceu sob influência da filosofia pragmatista e do psicologismo que sensibilizou os movimentos de vanguarda” (ABDALA JUNIOR; CAMPEDELLI, 1999, p. 200).

De acordo com Teles “quanto ao nome modernismo, que se popularizou tudo indica que está relacionado ao congresso dos modernistas franceses ou ao sentido moderno contido no título da revista de Mário de Andrade, *L’esprit nouveau*” (TELES, 1976, p. 276). O processo histórico que o formou durou cerca de 60 anos, começando ainda no século XIX, em que se verificou um confronto entre o novo e tudo aquilo que representava a tradição.

A Semana de 1922 foi o primeiro encontro do público diante das novas manifestações artísticas que fizeram parte do *corpus* modernista. Sendo assim, é considerada o ápice da Arte Moderna. Seu período foi de 11 a 18 de fevereiro de 1922, e suas apresentações foram nos dias 13,15 e17, no Teatro Municipal de São Paulo.

Nos meados de 1912, Oswald de Andrade começa a divulgar as vanguardas europeias, principalmente a ideia futurista de Marinetti. Em 1917, Anita Malfatti retorna ao Brasil depois de estudar na Europa e nos Estados Unidos e realiza uma exposição de seus quadros em São Paulo. Com técnicas vanguardistas, sua pintura surpreende o público, acostumado com o realismo sem ousadia. Mas Monteiro Lobato, crítico de arte de O Estado de São Paulo, escreveu um artigo intitulado “Paranoia ou Mistificação”, acusando toda a Arte Moderna:

Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que veem normalmente as coisas (...) A outra espécie é formada pelos que veem anormalmente a natureza e interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva (...) Embora eles se deem com novos, precursores de uma arte a vir, nada é mais velho do que a arte anormal ou teratológica: nasceu com a paranoia e com a mistificação. (...) Essas considerações são provocadas pela exposição da senhora, Malfatti onde se notam acentuadíssimas tendências para uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso e companhia. (GONZAGA, 2004).

Após muitas reviravoltas em sua vida, acontece a revelação de seu destino: Anita Malfatti quer ser pintora. Mais tarde vai experimentar voluntariamente a fome, a cegueira e a sede, buscando na sensação física a superação do eu. Era expressionista antes de saber o que significava o termo. Em 1912 fixa-se em Berlim, onde estuda com *Lovis Corinth*, artista que trabalha com valores cromáticos do impressionismo, com pinceladas vibrantes que o aproximam dos expressionistas, apesar de discordar deles.

Em 1915/16 Anita está em Nova Iorque, inscrita na *Art Students League*, onde só mantém um interesse duradouro: aulas de gravura. É quando acha a escola que tanto desejava encontrar na vida, a *Independent School of Art*, cujo professor, *Homer Boss*, é um pintor-filósofo de tendência realista. Absorve de cada pintor, de cada escola – fauvismo, sincronismo ou cubismo. Só as características necessárias para montar sua própria linguagem.

Como já mencionado, em 1917, de volta a São Paulo, inaugura a disputa entre arte acadêmica e arte moderna. Por parte da artista “não houve preocupação de glória, nem de fortuna, nem de oportunidades proveitosas”, só queria

mostrar o fruto de sua dedicação. Quando o público paulista viram suas telas todos, acharam-nas feias, dantescas e grotescas. A população de São Paulo não estava acostumada com uma arte livre e cheia de traços marcantes. As pessoas estavam presas e condicionadas ao terrível vício do academismo.

Mesmo não sendo compreendida e sendo alvo de escândalo e terríveis críticas, Anita começava algo que nenhum pintor antes tinha conseguido propor à pintura brasileira. Sem saber e até mesmo entender a pintora marcou “o início de uma ruptura das mais radicais na pintura brasileira”. O início de uma coisa nova e impactante e o sepultamento do velho e acadêmico.

Após a exposição de 1917, Anita Malfatti vive um clima de sofrimento. Até o tio que financiou seus estudos no exterior quis destruir uma das telas a bengaladas. Mas a heroína lutou contra todos, tendo a seu lado apenas um fiel defensor e sua paixão nem tão secreta assim: Mário de Andrade, que morreu 19 anos antes de Anita, sem nunca dar a definição amorosa que ela tanto queria.

A causa? "Paranoia ou mistificação?", um cruel artigo de Monteiro Lobato comparava o trabalho de Anita "aos desenhos dos internos dos manicômios". Em torno dela, começa então a arregimentação de jovens poetas e artistas inconformados com a forma como estavam as coisas, culminando com a Semana de Arte Moderna de 1922 - na qual a participação de Anita volta a escandalizar.

O Brasil não estava preparado para suas obras, o país atravessava um momento de premência nacionalista e não aceitou sua nova maneira de pintar, até mesmo porque o estilo da pintora fugia aos padrões vigentes no país. A mais violenta crítica à exposição de Anita Malfatti foi a de Monteiro Lobato, publicada em dezembro de 1917, em O Estado de São Paulo, intitulada Paranoia ou mistificação? em que o mesmo diz:

Há duas espécies de artista. Uma composta dos que veem normalmente as coisas e em consequência disso fazem arte pura, guardando os eternos ritmos da vida, e adotados para a concretização das emoções estéticas, os processos clássicos dos grandes mestres. (...) A outra espécie é formada pelos que veem anormalmente a natureza, e interpretam-se à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos do cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência: são frutos de fins de estação, bichados ao nascedouro. Estrelas cadentes brilham um instante, as mais das vezes com a luz do escândalo, e somem-se logo nas trevas do esquecimento. Embora eles se deem como novos, precursores duma arte a vir, nada é mais velho do que a arte anormal ou teratológica: nasceu com a paranoia e com a mistificação. De há muito já que a estudam os psiquiatras em seus tratados, documentando-se nos inúmeros desenhos que ornam as paredes internas dos manicômios esta arte é sincera, produto ilógico de cérebros transtornados pelas mais estranhas psicoses; e fora deles, nas exposições públicas, zabumbadas pela imprensa e absorvidas por americanos malucos, não há sinceridade nenhuma, nem nenhuma lógica, sendo mistificação pura.

Neste artigo Lobato criticou a exposição de Anita Malfatti e a influência dos “futurismos” nas obras da artista. Para ele, cada arte, como as ciências, tem suas leis (proporção, simetria etc.), e Malfatti era excelente artista quando as cumpria, tinha um “talento vigoroso, fora do comum”, porém, o escritor não gostava quando a artista se deixava seduzir pelas vanguardas europeias, assumindo, segundo ele, “uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso & Cia.”

Monteiro Lobato mais tarde no mesmo ano, ao que parece tentou se retratar, mas de pouco adiantou, isso pode ser bem percebido em: LOBATO, Monteiro. Apud. BATISTA, (1917 p.165) quando fala:

Possuidora de uma alta consciência do que faz, levada por um notável instinto para a apaixonada eleição dos seus assuntos e da sua maneira, a vibrante artista não temeu levantar com os seus cinquenta trabalhos as mais irritadas opiniões e as mais contrariantes hostilidades. Era natural que elas surgissem no acanhamento da nossa vida artística. A impressão inicial que produzem os seus quadros é de originalidade e de diferente visão. As suas telas chocam o preconceito fotográfico que geralmente se leva no espírito para as nossas exposições de pintura. A sua arte é a negação da cópia, a ojeriza da oleografia.

Após a Semana de 22 que também lhe rendeu críticas ainda piores, apresenta Tarsila do Amaral aos modernistas Mário de Andrade, Oswald de Andrade e

Menotti Del Picchia; formam o "grupo dos cinco" e estão constantemente juntos. Em 1923, ganha o Pensionato Artístico do Estado de São Paulo e vai para Paris. De volta a São Paulo em 1928, reencontra os modernistas e participa das últimas manifestações do grupo. Aproxima-se da Família Artística Paulista, participando de todas as coletivas do grupo. Os amigos cobrariam o fato de Anita não ter seguido Tarsila no movimento Pau-Brasil. Nos anos 40, Anita visita Belo Horizonte e cidades históricas mineiras.

A pintura de Anita parece estar em um eterno descompasso com sua cidade. A São Paulo cosmopolita iria se constranger ao observar as telas toscas, adocicadas e falsamente ingênuas que Anita passa a produzir após a primeira fase modernista. A artista que pintou obras como "O homem amarelo", "A Boba" e "Mulher de Cabelos Verdes", não quer mais ser vanguarda, nem acadêmica. Ela quer uma pintura simples, facilmente compreendida por todos e que dificilmente será aceita por seus colegas de aventura do modernismo.

As obras de Anita, que estavam afinadas com as tendências da arte do exterior, chocaram grande parte do público, causando violentas reações da crítica. A exposição, entretanto, despertou o interesse de outros jovens artistas para a necessidade de renovação da arte brasileira. A Boba é um dos pontos mais altos da pintura de Anita. É fruto de uma fase em que a sua pintura expressionista absorve elementos cubistas. A Boba recebe aplicação irregular da cor, com o fundo representado em rápidas pinceladas. A expressão é deformada, com contorno preto em torno da figura, seguindo a estética expressionista.

Em sentido semelhante, aponta Di Cavalcante: "A exposição de Anita foi a revelação de algo mais novo do que o "impressionismo". Se Lasar Segall já havia exposto na cidade, em 1913, sua exposição parece ter passado despercebida naquele momento. Nesse sentido, o caráter de precursora do modernismo de 1922 é atribuído a Anita Mafalhti pelos críticos e participantes da Semana de Arte Moderna.

Em *A Gazeta* de 13 de fevereiro de 1922, Mário de Andrade é, mais uma vez, enfático: "quem manifestou primeiro o desejo de construir sobre novas bases a pintura? São Paulo com Anita Malfatti". A imediata incorporação da pintora recém-chegada pelos jovens modernistas pode ser aferida também pelo destaque a ela concedido na programação da Semana de Arte Moderna: Anita é a maior representação individual na exposição com 12 telas a óleo, oito peças entre gravuras e desenhos.

Se os comentadores enfatizam o sucesso da Exposição de Pintura Moderna pregada por Anita Malfatti, apontam também a polêmica que cerca o evento, em função da crítica feita por Monteiro Lobato (1882 - 1948) em *O Estado de S. Paulo*, de 20 de dezembro de 1917, "A propósito da exposição de Anita Malfatti" (republicado em 1919 na coletânea *Ideias de Jeca Tatu*, com o título *Paranoia ou mistificação?*).

As réplicas se sucedem nos jornais da época (além de Menotti e Mario de Andrade, Mario da Silva Brito e Paulo Mendes de Almeida), defendendo a pintora e desautorizando o crítico, geralmente tratado nos textos como "pintor". Além de desqualificado como crítico de arte, Lobato é ainda responsabilizado, pelos modernistas e por seus herdeiros, pelo recuo de Anita em relação às vanguardas.

O refluxo de Anita em relação às vanguardas - perceptível em trabalhos expostos já em 1917 - coincide com o contato com o ambiente nacionalista do país em geral e de São Paulo em particular. A sua conversão à temática nacional é contemporânea, ao distanciamento em relação à radicalidade vanguardista, flagrante na célebre mostra de 1917 e que se acentua na produção posterior da artista.

Ocorre que nem sempre o novo é bem aceito. Por isso, a Semana de arte Moderna, reunindo as novas formas de expressão, foi um choque para a elite paulista, que era dominada pelas formas estéticas europeias, mais conservadoras, que influenciavam os artistas brasileiros naquela época.

Depois da enorme confusão causada pelo artigo de Lobato, a vida de Anita Malfatti começou a ter certa normalidade, o tempo que se seguiu após a exposição, foi de assimilação do novo, da percepção daquilo que até então não fora nem sonhado. As críticas feitas à Anita Malfatti a tornou a figura mais importante para os artistas brasileiro do momento até a contemporaneidade. No entanto pode-se dizer que cada uma das críticas foi um degrau que unindo as peças formou a escada para o seu estrondoso sucesso. Tanto que hoje suas pinturas são apreciadas por públicos de todas as idades e muitos pintores toamam suas obras como forma de inspiração para produzir a deles.

### **Algumas considerações**

Como se sabe o modernismo foi uma escola artística e literária que surgiu nas três primeiras décadas do século XX, inaugurado com a Semana de Arte Moderna que chocou a sociedade brasileira. Durante os estudos realizados dentro dos desenvolvimentos desta pesquisa, percebeu-se uma característica marcante para a arte modernista: a ruptura com a estética formal e acadêmica. Nessa escola, seus adeptos queriam mudar totalmente os traços estéticos da pintura e a linguagem da literatura brasileira.

Assim, tornou-se visível os vários aspectos causados com a ruptura devido a inovação na estética formal, não só nos vocabulários e nos temas que tinham como proposta retratar a nacionalidade, mas também nos traços plásticos. Com isso, as expressões artísticas e literárias ficaram mais compreensivas, acessíveis e significativas para os leitores que de início tiveram certa rejeição. A partir disso, não só os autores, como também pintores que foram criticados e escandalizados conseguiram com suas idéias fora do comum consolidá-las na sociedade.

A partir desse comentário fica mais que claro que a luta e persistência de Anita Malfatti em prol do moderno não foi em vão. Porque a mesma muito antes da realização da famosa Semana de Arte Moderna já tinha dado início a sua

proposta moderna, mesmo não sendo bem aceita pelo público que estava habituado a pintura acadêmica e não conhecia o moderno.

Nesta pesquisa estudou-se a cerca de Anita Malfatti, que como já se sabe foi a pintora que deu início ao modernismo anos antes da realização do evento que inaugurou definitivamente a escola artística e literária, o qual denominou-se de modernismo. A partir das bibliografias estudadas, faz-se importante conhecer todo o processo ruptura das mais radicais que a artista propôs a pintura brasileira do século XX.

Em suma, por meio deste estudo, entende-se que a nova postura da artística de início não agradou ao seu público, tanto que essa rejeição se comprova nas diversas críticas que Anita recebeu da imprensa, mas foi esta proposta que permitiu aos artistas nacionais a definir seu estilo artístico e identidade nacional dentro das artes plásticas.

## Referências Bibliográficas

ABDALA JUNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Tempos da Literatura**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

BATISTA, Marta Rossetti - **Anita no tempo e no espaço**: biografia e estudo da obra - São Paulo: Ed.34/EDUSP, 2006.

\_\_\_\_ (Org.); LOPEZ, Telé Ancona (Org. ); LIMA, Yvone Soares de (Org. ). **Brasil: 1º tempo modernista 1917/25**: documentação. São Paulo: IEB: USP, 1972

CHIARELLI, Tadeu. **Um jeca nos vernissages**: Monteiro Lobato e o desejo de uma arte nacional no Brasil - São Paulo: EDUSP, 1995.

MICHELI, Mario de. **As vanguardas artísticas**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FOSTER, Hal. **Recodificação**: Arte, Espetáculo, Política Cultural. São Paulo: Casa Editorial Paulista, 1996.

GONZAGA, Sergius. Disponível em: [www.educatererra.terra.com.br/literatura/modernismo/modernismo](http://www.educatererra.terra.com.br/literatura/modernismo/modernismo)> Acesso em 05/06/2004.

LOBATO, Monteiro. **Paranóia ou mistificação?** - In: Idéias de Jeca Tatu - São Paulo: Brasiliense, 1946

LOBATO, Monteiro. [A propósito da exposição Malfatti]. Apud. BATISTA, Marta Rossetti. **Anita Malfatti e o início da arte moderna no Brasil**: vida e obra. São Paulo, 1980. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP. v. 1. p.165. [Texto extraído do artigo A propósito da exposição Malfatti, escrito em 1917]

PEDROSA, Mario. Mundo, **Homem, Arte em Crise**. São Paulo: ed. Perspectiva,2000.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

Currículo Resumido:

Roney Jesus Ribeiro é mestre em Educação - UA, Especialista em Artes - FIJ/RJ, Alfabetização e Linguística - FACELI/ES, Língua Espanhola e Cultura Hispânica - UCB/RJ, Língua e Literatura Inglesa - FTSF/ES, Língua Portuguesa e Literatura Brasileira - INESV/ES, Pós-Graduando em Educação Profissional Tecnológica - IFES/ES , Licenciado em Artes Visuais - UNIMES/SP, Letras



Português e Espanhol - FACIASC/ES, Letras Português e Inglês - FACIASC/ES, Coordenador e docente dos Cursos de Letras do CESV.